

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

**Brasil Paralelo e a disputa pela memória nacional: revisionismo, financiamento
empresarial e ensino de História**

Maria Clara Oliveira da Silva

Uberlândia/MG

2026

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

**Brasil Paralelo e a disputa pelas memórias nacionais: revisionismo, financiamento
empresarial e ensino de História**

Maria Clara Oliveira da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto de História da Unidade Federal de
Uberlândia como requisito parcial para obtenção
do título de licenciado em História

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Paulo Morais

Uberlândia/MG

2026

MARIA CLARA OLIVEIRA DA SILVA

**Brasil Paralelo e a disputa pelas memórias nacionais: revisionismo, financiamento
empresarial e ensino de História**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto de História da Unidade Federal de
Uberlândia como requisito parcial para obtenção
do título de licenciado em História

Uberlândia, 2026.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Sérgio Paulo Morais (UFU)

Prof. Dr. Douglas Gonsalvez Fávero (PMU)

Profª. Dra. Maria Cristina Sagário (UFU)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família por todo o apoio e incentivo, muitas vezes oferecidos de forma silenciosa, mas sempre presentes. Em especial, expresso minha gratidão eterna aos meus pais, Mario e Cida, por sempre priorizarem minha educação, mesmo diante de tantas dificuldades.

Ao meu pai, agradeço por cada palavra de incentivo que chegava mesmo à distância e por todo o suporte emocional e financeiro que me permitiu chegar até aqui. Desde que eu era criança, você sempre dizia que sonhava em me ver estudar e construir um futuro melhor. Essas palavras, repetidas tantas vezes ao longo da minha vida, nunca foram esquecidas. Parte do que sou hoje também é fruto do seu sonho e da sua confiança no meu caminho.

À minha mãe, agradeço por todo o cuidado e amor que sempre demonstrou nas pequenas e grandes coisas do cotidiano. Obrigada por cada almoço preparado com carinho, por cada marmita quentinha que me esperava depois de dias exaustivos divididos entre faculdade e trabalho. Esses gestos simples sempre foram uma forma silenciosa de dizer que eu não estava sozinha nessa caminhada. Mesmo agora, enfrentando seus próprios desafios no hospital, você continua sendo a primeira pessoa a me mandar mensagem todos os dias, perguntando se eu comi, se estou bem, se consegui descansar. Eu te amo muito e sou profundamente grata por tudo o que você fez e continua fazendo por mim.

Às minhas amigas Ashiley, Luisa, Isabella, Helena e Laura, minha gratidão por estarem comigo desde o início dessa jornada desafiadora. Vocês transformaram a rotina pesada em algo mais leve, e as manhãs de sete horas no 5º ficaram mais fáceis porque estávamos juntas. Obrigada pelas risadas nos intervalos, pelos momentos de desabafo e por todos os encontros depois da faculdade. Tenho certeza de que, sem o apoio de vocês, essa trajetória teria sido muito mais difícil e menos feliz.

Aos meus amigos Matheus, Eduardo e Lorena, agradeço por serem tão presentes em todos os aspectos da minha vida. Vocês não fizeram parte do curso, mas sempre fizeram questão de participar dessa etapa comigo. Vocês me mostraram que amizade verdadeira é estar presente e a presença de vocês foi essencial.

Ao meu amigo Danilo, que por tantos meses trocou sua escala de trabalho comigo para que eu pudesse realizar meus estágios, sou muito grata por ter você como amigo e colega de trabalho.

Um agradecimento especial ao Moisés, que nos últimos meses dividiu comigo não apenas a rotina, mas também as preocupações e incertezas. Você chegou em um momento delicado para minha família e se tornou um apoio fundamental. Obrigada pela paciência com meu cansaço, pela compreensão nos dias difíceis e por estar ao meu lado quando eu precisei de força para continuar. Sua presença fez toda a diferença.

Ao meu orientador, Sérgio Paulo, expresso minha sincera gratidão pela dedicação durante a construção deste trabalho. Agradeço pela paciência, pelo cuidado e pela disposição genuína em ajudar. Sua orientação foi muito além do âmbito acadêmico, foi humana, generosa e fundamental para que eu chegasse até aqui.

Agradeço também ao professor de História Daniel Ramsés, que me supervisionou durante o estágio na Escola Estadual Professora Juvenília Ferreira dos Santos. Seu apoio foi extremamente importante na minha formação, e sempre lembrarei de você com carinho e admiração. Obrigada por me mostrar, na prática, o que significa ser um bom professor de História. Você é um exemplo de dedicação à profissão e uma inspiração para quem, como eu, está iniciando essa caminhada.

“As palavras são sombras pálidas de nomes esquecidos. Como os nomes têm poder, as palavras têm poder. Palavras podem acender fogueiras nas mentes dos homens. Palavras podem arrancar lágrimas dos corações mais duros.” – Patrick Rothfuss, O Nome do Vento

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar o papel desempenhado pela produtora Brasil Paralelo na construção de narrativas históricas no Brasil contemporâneo, problematizando seu caráter revisionista e as estratégias utilizadas para disputar memórias e identidades coletivas. O estudo articula a investigação historiográfica com a análise de atores sociais e econômicos envolvidos no financiamento da empresa, refletindo sobre as motivações que levam empresários a investir em um projeto de natureza político-cultural. Além disso, o trabalho propõe uma sequência didática voltada para o Ensino Médio, inspirada nos formatos narrativos da Brasil Paralelo, mas construída a partir do rigor historiográfico e da perspectiva crítica, com vistas a promover a reflexão dos estudantes acerca da produção e do consumo de narrativas históricas.

Palavras-chave: História; memória; revisionismo; ensino de História; Brasil Paralelo.

ABSTRACT

This study aims to analyze the role played by the media company Brasil Paralelo in the construction of historical narratives in contemporary Brazil, critically examining its revisionist approach and the strategies used to dispute collective memories and identities. The research combines historiographical analysis with a discussion of the social and economic actors involved in financing the company, reflecting on the motivations that lead business groups to support a project of political and cultural nature. In addition, the study presents a didactic sequence designed for high school education, inspired by the narrative formats used by Brasil Paralelo, but grounded in historiographical rigor and a critical perspective, seeking to encourage students to reflect on the production and consumption of historical narratives.

Keywords: History; memory; revisionism; history teaching; Brasil Paralelo.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APH – Aparelho Privado de Hegemonia

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

BP – Brasil Paralelo

IEE – Instituto de Estudos Empresariais

IOC – Instituto Olavo de Carvalho

MEC – Ministério da Educação

MG – Minas Gerais

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	11
2.	BRASIL PARALELO E AS DISPUTAS DE MEMÓRIA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO	14
2.1	A ofensiva negacionista no Brasil contemporâneo	15
3.	BRASIL PARALELO: ESTRATÉGIAS NARRATIVAS, FINANCIAMENTO EMPRESARIAL E CIRCULAÇÃO SOCIAL	17
3.1	Origens e conexões: a "teia" da nova direita	17
3.2	Intelectuais orgânicos e a produção do consenso	17
3.3	Financiamento empresarial e marketing digital	18
4.	PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA	22
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
	REFERÊNCIAS	29

1. INTRODUÇÃO

"Infelizmente, o ataque à verdade histórica não provém apenas de governos. Militantes organizados também se acham no direito (e, segundo suas convicções, na obrigação) de nos impingir sua versão sobre os fatos." (Pinsky; Pinsky, 2021, p. 10)

A afirmação de Jaime Pinsky e Carla Bassanezi Pinsky evidencia um dos principais desafios enfrentados pela História no tempo presente: a intensificação das disputas em torno do passado e a atuação de grupos organizados que buscam impor interpretações históricas alinhadas a projetos políticos e ideológicos específicos. No Brasil contemporâneo, esse cenário tem se aprofundado com a expansão das mídias digitais e com o fortalecimento de discursos revisionistas e negacionistas que circulam amplamente no espaço público.

Nesse contexto, a produtora Brasil Paralelo consolidou-se, desde 2016, como o principal agente privado na disputa por narrativas históricas no ambiente digital. Por meio da produção e difusão de conteúdos audiovisuais de grande alcance, a empresa se apresenta como uma alternativa à historiografia acadêmica e ao ensino escolar de História, defendendo o que denomina como o "resgate da verdadeira história do Brasil". Entretanto, diversos estudos apontam que essas narrativas se constroem a partir de leituras seletivas do passado, frequentemente marcadas pela relativização de processos históricos complexos e pela mobilização de discursos moralizantes e ideologicamente orientados.

A atuação da Brasil Paralelo deve ser compreendida no interior de um cenário mais amplo, marcado pelo avanço das novas direitas, pela polarização política intensificada após 2013 e pela chamada "guerra cultural". Como destacam Pinsky e Pinsky (2021), o passado tornou-se objeto de disputa central nos conflitos políticos contemporâneos, sendo utilizado como instrumento de legitimação simbólica e construção de identidades coletivas. Nesse ambiente, a História deixa de ser apenas campo de reflexão crítica e passa a ocupar papel estratégico na formulação de projetos de poder.

As pesquisas de Mayara Balestro dos Santos (2021) e Rafael Herculano de Andrade (2025) já demonstraram que a Brasil Paralelo articula uma agenda conservadora e ultraliberal, utilizando plataformas digitais para difundir narrativas que questionam consensos historiográficos e reforçam interpretações alinhadas às novas direitas. Esse

processo é potencializado pelo uso intensivo de publicidade patrocinada nas redes sociais, como apontam estudos recentes sobre os gastos de grupos conservadores no Facebook e no Instagram, o que amplia significativamente o alcance dessas produções.

Além do alcance nas plataformas convencionais, a produção da Brasil Paralelo também se difunde por meio de aplicativos de streaming não licenciados, conhecidos como "piratas", que oferecem acesso gratuito ou de baixo custo. Essa estratégia, ainda que possivelmente não oficial, amplia o alcance das narrativas revisionistas especialmente entre públicos de menor poder aquisitivo, evidenciando que a disputa pela memória nacional também possui uma dimensão social e econômica relevante que extrapola o público pagante convencional.

Diante desse cenário, a relevância deste trabalho justifica-se tanto no campo acadêmico quanto no pedagógico. Do ponto de vista da História, torna-se fundamental compreender como projetos revisionistas se estruturam, quais interesses políticos e econômicos os sustentam e de que maneira atuam na construção de versões do passado. Como argumenta Enzo Traverso (2012), o avanço do negacionismo e do revisionismo está diretamente ligado às crises contemporâneas da memória e da democracia, exigindo uma postura crítica por parte dos historiadores.

No campo do ensino de História, os desafios também se tornaram mais evidentes. Professores lidam, cada vez mais, com a circulação de conteúdos desinformativos e de narrativas simplificadas ou distorcidas sobre o passado, que chegam à sala de aula por meio das redes sociais, plataformas de vídeo e aplicativos de streaming. Esse cenário exige que o trabalho pedagógico vá além da transmissão de conteúdos, incorporando estratégias que ajudem os estudantes a reconhecer como as narrativas históricas são construídas, quais interesses podem orientá-las e de que maneira elas circulam no espaço público.

Assim, este trabalho propõe analisar a atuação da Brasil Paralelo na construção e difusão de narrativas históricas no Brasil contemporâneo, problematizando seu caráter revisionista e os interesses políticos e econômicos envolvidos em sua produção. Para isso, o capítulo 2 discute o contexto de emergência da produtora, relacionando sua atuação às disputas de memória e ao avanço de discursos revisionistas no Brasil contemporâneo. Em seguida, o capítulo 3 analisa as estratégias narrativas utilizadas pela empresa, suas conexões com think tanks e setores empresariais, bem como os mecanismos de financiamento e circulação digital que ampliam o alcance de suas produções. A partir dessas discussões, o capítulo 4 apresenta uma proposta de sequência didática voltada ao

3º ano do Ensino Médio, inspirada na linguagem audiovisual, mas fundamentada no rigor historiográfico e na reflexão crítica. A sequência busca estimular os estudantes a compreenderem como narrativas históricas são construídas, quais interesses podem orientá-las e de que maneira circulam no espaço público. Por fim, o trabalho se encerra com as considerações finais, nas quais são discutidos os desafios da pesquisa e as possíveis contribuições deste estudo para futuras investigações sobre ensino de História, memória e disputas narrativas no ambiente digital.

2. BRASIL PARALELO E AS DISPUTAS DE MEMÓRIA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO

A emergência da produtora Brasil Paralelo, fundada em 2016, está diretamente associada às transformações políticas, culturais e comunicacionais vividas pelo Brasil nas últimas décadas, especialmente à conjuntura aberta a partir das manifestações de 2013. Em um contexto marcado pela intensificação da polarização política, pelo fortalecimento de discursos conservadores e pela ampliação do uso das plataformas digitais como espaços de debate público, a produtora construiu uma atuação baseada na difusão de conteúdos audiovisuais que se propõem a reinterpretar a história nacional. Ao se apresentar como uma iniciativa independente dedicada ao "resgate da verdadeira história do Brasil" (aspas no original, conceito a ser problematizado), a Brasil Paralelo afirma ocupar um espaço supostamente negligenciado pela produção acadêmica e pelos meios de comunicação tradicionais.

As manifestações de 2013 marcaram um ponto de inflexão no cenário político brasileiro, inaugurando um período de instabilidade institucional, crise de representação e desgaste da confiança nas instituições democráticas. Leonardo Avritzer, ao analisar o período entre 2013 e 2018, propõe a noção de um "movimento pendular" da democracia brasileira (Avritzer, 2018), sustentando que o regime democrático no país não segue uma trajetória linear de consolidação, mas oscila entre momentos de avanço e de regressão. Segundo o autor, até 2013 havia sinais consistentes de fortalecimento democrático, expressos na aceitação dos resultados eleitorais, na alternância pacífica de poder e na implementação de políticas públicas legitimadas pelo voto popular. A partir desse marco, contudo, intensificaram-se práticas que colocaram em xeque a soberania eleitoral e a legitimidade das instituições representativas.

Avritzer (2018) destaca que esse movimento pendular não é episódico, mas estrutural, e se relaciona à forma como as elites políticas, econômicas e jurídicas se constituíram historicamente no Brasil. Formadas em um contexto marcado pela herança colonial, pelo extrativismo e pela coerção do trabalho, essas elites demonstram resistência recorrente à ampliação de direitos sociais e à inclusão política. Em momentos de avanço democrático, observa-se uma reação dessas elites, que passam a acionar mecanismos institucionais e não eleitorais para conter ou reverter tais processos.

Esse pêndulo democrático, ao oscilar para a regressão, cria as condições de possibilidade para o florescimento de discursos que questionam as instituições e os

consensos estabelecidos. É nesse vazio de confiança que a Brasil Paralelo finca suas raízes, oferecendo respostas simples e moralizantes para problemas complexos. Nesse contexto de regressão democrática, a crise de confiança nas instituições abriu espaço para narrativas antipolíticas e moralizantes. É nesse ambiente que iniciativas como a Brasil Paralelo encontram terreno fértil para sua consolidação.

2.1 A ofensiva negacionista no Brasil contemporâneo

Para compreender a atuação da Brasil Paralelo, é fundamental situá-la no fenômeno mais amplo do negacionismo histórico que, como definem Patrícia Valim, Alexandre Avelar e Berber Bevernage, pode ser pensado como "um mosaico de falas, práticas e representações mobilizadas com o objetivo de legitimar certas leituras dos nossos passados sensíveis – sobretudo de suas violências, seus extermínios e dominação dos mais vulneráveis" (Valim; Avelar; Bevernage, 2021, p. 15). Os autores destacam que, embora o termo negacionismo tenha sido popularizado pelo historiador francês Henry Rousso para se referir aos que negavam a existência do Holocausto (Rousso, 1987), o fenômeno no século XXI adquiriu novas características, tornou-se mais difuso, ganhou impulso com as tecnologias digitais e, crucialmente, "se tornou uma forma de gestão da vida política" (Valim; Avelar; Bevernage, 2021, p. 23).

No Brasil, essa agenda negacionista encontrou na figura de Jair Bolsonaro seu principal expoente. Como demonstra a pesquisa de Caroline Bauer (2020), o negacionismo da ditadura militar não é um fenômeno recente, mas tem raízes nos esforços dos próprios militares em constituir uma memória que procurou dissociar o regime de suas feições autoritárias e repressivas. O diferencial do período recente é a massiva mobilização do universo midiático-digital por parte de grupos conservadores e de extrema-direita para disseminar essas narrativas.

2.2 Análise de conteúdo: o caso de "1964: O Brasil Entre Armas e Livros"

A Brasil Paralelo é um dos agentes mais bem-sucedidos dessa estratégia. Como aponta Daniela da Silva Martins (2024), a produtora se insere em um contexto de forte presença da cultura digital e de crise democrática pós-2013, alegando apresentar um conteúdo livre de parcialidade, em oposição a uma suposta hegemonia cultural da esquerda. Para analisar como opera seu revisionismo, tomemos seu produto mais emblemático: o documentário "1964: O Brasil Entre Armas e Livros", lançado em 2019.

A produção estrutura-se em torno de uma tese central: a de que o movimento civil-militar de 1964 teria sido uma "contrarrevolução" necessária para impedir a implantação de uma "ditadura comunista" no Brasil. Essa tese, no entanto, ignora o consenso

historiográfico estabelecido, que há décadas demonstra a inconsistência dessa interpretação. Autores como Clóvis Rossi e Florestan Fernandes já demonstraram que o golpe de 1964 não pode ser caracterizado como uma contrarrevolução, uma vez que não havia uma revolução socialista em curso no Brasil que justificasse tal reação. Os golpes militares foram desfechados, em verdade, contra a ordem democrática então vigente, interrompendo o processo político-institucional que se desenvolvia desde 1946.

Para construir seu argumento, o documentário mobiliza três estratégias principais. Primeiro, a seleção parcial de entrevistados. A produtora constrói uma narrativa que se pretende "alternativa" à "historiografia oficial", mas que na prática seleciona apenas vozes alinhadas a uma visão de mundo conservadora. Historiadores que representam o consenso acadêmico sobre o período estão completamente ausentes.

Segundo a edição tendenciosa de imagens de arquivo. As chamadas "Marchas da Família com Deus pela Liberdade" são mostradas como expressões legítimas da vontade popular, silenciando sobre seu financiamento por setores empresariais. Como analisa Pierre Vidal-Naquet em sua obra clássica sobre os "assassinos da memória" (Vidal-Naquet, 1988), essa é uma tática central do negacionismo: desqualificar os testemunhos das vítimas e supervalorizar qualquer documento que comprove sua tese, sem a devida crítica documental.

Terceiro, a relativização da violência de Estado. A produção dedica tempo a narrar episódios de violência cometida por grupos de esquerda, mas a violência sistemática do Estado – as torturas, os desaparecimentos, a censura – é minimizada. Não se trata de uma simples divergência interpretativa, mas de uma estratégia de "negação interpretativa", conceito cunhado por Stanley Cohen (2001) e retomado por Valim, Avelar e Bevernage (2021), que não recusa os fatos, mas busca mudar sua interpretação convencional, usando eufemismos para atenuar a gravidade dos crimes.

Essa construção narrativa não corresponde ao revisionismo historiográfico científico, que, como explica Marcos Napolitano (2021, p. 98), é "um processo de revisão factual e das interpretações historiográficas dominantes, com base em novas questões teóricas, novas hipóteses, novos métodos de análise e novas fontes primárias". O que a Brasil Paralelo pratica é o "revisionismo ideológico", que "parte unicamente de demandas ideológicas e valorativas e colige fontes e autores para confirmar uma visão pré-construída acerca de um tema histórico" (Napolitano, 2021, p. 99-100).

3. BRASIL PARALELO: ESTRATÉGIAS NARRATIVAS, FINANCIAMENTO EMPRESARIAL E CIRCULAÇÃO SOCIAL

A consolidação da Brasil Paralelo como um dos principais agentes na disputa de narrativas históricas não pode ser compreendida apenas a partir de seu conteúdo ideológico. É fundamental analisar também as estratégias narrativas, os mecanismos de financiamento e as formas de circulação de seus produtos. A pesquisadora Mayara Aparecida Machado Balestro dos Santos, em sua dissertação de mestrado (Santos, 2021), oferece uma análise fundamental para compreender a empresa como um "Aparelho Privado de Hegemonia" (APH) da nova direita brasileira. Para a autora, a Brasil Paralelo atua como um "aparelho político-ideológico e educativo 'porta-voz' de setores conservadores e de extrema direita no sentido de dar legitimidade 'histórica' ao seu projeto político-institucional" (Santos, 2021, p. 16).

3.1 Origens e conexões: a "teia" da nova direita

Santos (2021) mapeia uma verdadeira "teia" de relações que conecta a Brasil Paralelo a outras organizações da nova direita, como o Instituto Millenium, o Instituto de Estudos Empresariais, o Fórum da Liberdade, o Instituto Liberal e o Instituto Von Mises Brasil (Santos, 2021, p. 76). Os sócios-fundadores, Henrique Viana, Filipe Valerim e Lucas Ferrugem, formados em marketing, encontraram nesses think tanks a base ideológica para seu projeto. Como revela o próprio Valerim em entrevista, "o meu primeiro contato foi com as palestras do Mises Brasil, o Hélio Beltrão é um cara muito próximo" e "o Mises Brasil influenciou o início do Brasil Paralelo" (Santos, 2021, p. 69).

Essa conexão é também pessoal e institucional. O empresário Hélio Beltrão, fundador do Instituto Mises Brasil, é presença constante nas produções da empresa e, em evento da produtora, declarou: "O Brasil Paralelo é um parceiro oficial do Instituto Mises Brasil, estou muito feliz com a história que o Felipe contou, o Mises teve um papel inspirador dessa iniciativa maravilhosa" (Santos, 2021, p. 96). O Fórum da Liberdade, organizado pelo Instituto de Estudos Empresariais (IEE), também funciona como um espaço de articulação e recrutamento de intelectuais para a produtora (Casimiro, 2020).

3.2 Intelectuais orgânicos e a produção do consenso

O quadro de "membros permanentes" da Brasil Paralelo, identificado por Santos (2021), revela a capilaridade do projeto. Nomes como Olavo de Carvalho, "padrinho e mentor" (Santos, 2021, p. 79-80), Hélio Beltrão, Rodrigo Constantino, Luiz Philippe de Orleans e Bragança, Flávio Gordon e Leandro Ruschel atuam como "intelectuais

orgânicos", no sentido gramsciano do termo, ou seja, como "prepostos do grupo dominante para o exercício das funções subalternas da hegemonia social e do governo político" (Gramsci apud Santos, 2021, p. 79-80).¹

A influência de Olavo de Carvalho é estruturante. Santos (2021, p. 88) demonstra a forte semelhança entre os cursos oferecidos pelo Instituto Olavo de Carvalho (IOC) e o "Núcleo de Formação" da Brasil Paralelo, concluindo que "parte desses intelectuais, influenciados pelo IOC e pelo próprio Olavo de Carvalho [...] atuam constantemente dentro do B.P., espaços midiáticos e APH, reproduzindo suas visões de mundo conservadora-ultraliberal". Essa atuação difusa em múltiplos espaços – institutos, mídia, redes sociais – permite à empresa capilarizar sua ideologia e alcançar públicos diversos.

3.3 Financiamento empresarial e marketing digital

O financiamento empresarial e as estratégias de marketing digital constituem dimensões complementares e indissociáveis para compreender a atuação da Brasil Paralelo. Diferentemente de iniciativas pontuais de produção cultural, a empresa conta com o apoio de empresários e investidores que compartilham afinidades ideológicas com o projeto, viabilizando não apenas a produção dos conteúdos, mas, sobretudo, sua ampla circulação. Nesse sentido, o financiamento não se limita ao custeio das obras audiovisuais, mas sustenta uma estrutura profissional de comunicação voltada à ocupação sistemática do espaço público digital. Esses agentes econômicos atuam, portanto, como financiadores de uma agenda político-cultural que busca disputar a hegemonia simbólica no campo da memória e da história.

A pesquisa de Mayara Balestro dos Santos (2021) é fundamental para desvendar essa rede de sustentação. Ao analisar a "teia" de relações da produtora, a autora identificou as conexões da Brasil Paralelo com think tanks e institutos ultraliberais, como o Instituto Mises Brasil, o Instituto Millenium e o Fórum da Liberdade, que funcionam como verdadeiras incubadoras de sua visão de mundo (Santos, 2021). Essa base ideológica, no entanto, é materializada por um apoio financeiro de monta.

¹ Olavo de Carvalho (1947–2022) foi escritor e ideólogo amplamente associado à formulação e difusão de ideias do bolsonarismo; Hélio Beltrão é economista e fundador do Instituto Mises Brasil, organização alinhada ao ultraliberalismo econômico e à difusão de princípios da Escola Austríaca; Rodrigo Constantino é jornalista e articulista vinculado a posições conservadoras; Luiz Philippe de Orleans e Bragança é político e membro da antiga família imperial brasileira, com atuação pautada por agendas conservadoras; Flávio Gordon é antropólogo, jornalista e colaborador da produtora Brasil Paralelo; Leandro Ruschel é empresário, bolsonarista e membro do conselho mesma produtora, atuando na difusão de conteúdos alinhados a perspectivas revisionistas.

Reportagens investigativas, como a do The Intercept Brasil, intitulada "Brasil Paralelo: o que é, o que faz e quem financia a produtora de extrema direita", revelam a ponta do iceberg desse financiamento. A matéria aponta que "Jorge Gerdau, dono de uma das maiores siderúrgicas do mundo e listado como conselheiro da produtora até 2021, já repassou cerca de R\$ 1,5 milhão para a empresa" (The Intercept Brasil, 2024). Este dado, longe de ser uma exceção, levanta uma questão central para esta análise: o que motiva um dos principais nomes da indústria nacional a investir em uma produtora de conteúdo histórico?

Além das informações publicamente divulgadas, é possível inferir, a partir da própria dimensão dos investimentos publicitários e da escala de produção da empresa, que o interesse de determinados segmentos economicamente privilegiados nesse tipo de iniciativa não é um fenômeno isolado. Embora não seja possível, no âmbito deste trabalho, acessar nominalmente todos os financiadores, a análise do perfil dos investidores já identificados (como Jorge Gerdau) e das conexões com think tanks empresariais (Santos, 2021) permite levantar hipóteses sobre as motivações de classe que sustentam o projeto.

A resposta a essa pergunta é complexa e multifacetada, mas pode ser inferida a partir da própria atuação da empresa. Ao patrocinar a Brasil Paralelo, esse empresariado não está simplesmente fazendo uma doação cultural; está investindo na produção de uma narrativa histórica que, em última instância, legitima seus interesses de classe. Os documentários da produtora, ao exaltarem o "empreendedorismo", a "meritocracia" e a livre iniciativa, ao mesmo tempo em que silenciam sobre a violência do Estado durante a ditadura ou sobre as desigualdades estruturais do país, constroem um passado conveniente para o presente. É a "história vista de cima", que naturaliza a posição de privilégio e desqualifica as lutas por transformação social.

Essa articulação entre financiamento e marketing torna-se ainda mais evidente quando se analisam os gastos da Brasil Paralelo com publicidade digital. A pesquisa de Santos (2021) já dimensionava a impressionante máquina de marketing da empresa, constatando que, em 2020, seu canal no YouTube acumulava mais de 152 milhões de visualizações (Santos, 2021, p. 81). Dados mais recentes e de reportagens complementares aprofundam esse cenário. Levantamentos indicam que a empresa foi a que mais gastou em anúncios na Meta (Facebook e Instagram) entre 2020 e 2024, com cerca de R\$ 22 milhões investidos. Além disso, apenas entre novembro de 2021 e 2022, investiu cerca de R\$ 370 mil em anúncios políticos no Google, figurando entre os maiores compradores desse tipo

de espaço publicitário no período que antecedeu as eleições gerais de 2022 (Spagnuolo, 2022).

O que explica um investimento tão maciço em publicidade? Novamente, a questão do interesse é central. A exigência de verificação de anunciantes com viés político-eleitoral, implementada a partir de novembro de 2021, contribuiu para tornar visível a dimensão desses investimentos e evidenciou o protagonismo da empresa no uso estratégico da propaganda digital. O objetivo não é meramente vender assinaturas, mas ocupar o espaço público digital, pautar a opinião pública e influenciar processos políticos, como as eleições. O uso intensivo de publicidade paga permite que os conteúdos ultrapassem a lógica do engajamento orgânico e alcancem públicos específicos de forma contínua e direcionada. Assim, marketing e financiamento operam de forma integrada: os recursos econômicos garantem visibilidade, enquanto a visibilidade se converte em influência política e cultural.

Esse modelo de atuação se insere em um fenômeno mais amplo, observado pelo jurista Celso Fernandes Campilongo. O debate público atual, diferentemente de quinze anos atrás, é marcado pela circulação acelerada de informações curtas e fragmentadas, nas quais textos analíticos cedem espaço a conteúdos simplificados, como vídeos curtos e memes de forte apelo emocional (Campilongo apud Queiroz, 2022). A Brasil Paralelo domina essa linguagem, e seu poderio financeiro garante que suas narrativas revisionistas sejam impulsionadas por algoritmos e publicidade, alcançando públicos que, muitas vezes, não têm contato com o contraditório produzido pela historiografia acadêmica.

Portanto, a análise do financiamento da Brasil Paralelo revela que sua força não reside apenas nas ideias que defende, mas na articulação orgânica entre uma base ideológica (os think tanks), um projeto político de classe (a naturalização de privilégios) e uma formidável máquina de marketing digital (financiada por esse mesmo empresariado). Compreender essa engrenagem é essencial para desvendar os usos políticos da história no Brasil contemporâneo e os interesses que buscam, deliberadamente, redefinir quais conhecimentos devem circular no espaço público e quais devem ser silenciados.

Esse cenário também dialoga com um debate cada vez mais presente nas democracias contemporâneas: a regulação das plataformas digitais e a transparência no financiamento de iniciativas político-comunicacionais. A ausência de consenso sobre conceitos como desinformação, propaganda política e liberdade de expressão tem dificultado a construção de mecanismos regulatórios capazes de equilibrar a circulação de ideias no ambiente digital. Ao mesmo tempo, organizações privadas, fundações e think tanks continuam

atuando na produção e difusão de conteúdos que influenciam diretamente o debate público (Queiroz, 2022).

Dessa forma, compreender o financiamento e as estratégias de comunicação da Brasil Paralelo não significa apenas analisar o funcionamento de uma produtora específica, mas investigar um modelo contemporâneo de atuação político-cultural no qual empresários, instituições ideológicas e plataformas digitais se articulam na disputa pela interpretação do passado e pela formação da opinião pública.

Esse cenário também impõe desafios ao ensino de História. A circulação massiva de conteúdos audiovisuais produzidos por iniciativas como a Brasil Paralelo evidencia a necessidade de que a escola desenvolva estratégias pedagógicas voltadas ao desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes diante dessas narrativas.

A partir das discussões apresentadas neste trabalho, o capítulo seguinte apresenta uma proposta de sequência didática destinada ao 3º ano do Ensino Médio. A atividade foi estruturada em três aulas e tem como eixo central a análise crítica das narrativas históricas presentes em produções audiovisuais e conteúdos digitais. A proposta busca levar os estudantes a compreender como diferentes atores selecionam fontes, especialistas e interpretações para construir determinadas versões do passado. O objetivo é estimular a reflexão sobre os usos políticos da história e sobre as disputas de memória presentes na sociedade contemporânea.

4. PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Plano de Ensino					
Disciplina:		História			
Ano (série):	3º ano	Nível:	Médio	Carga horária:	3 aulas
Tema (Unidade Temática)					
Pandemia, política e narrativa histórica: desvendando os bastidores da construção do passado recente					
Objeto(s) de Conhecimento previsto(s) na BNCC e no Currículo Referência MG					
• EM13CHS103 – Comparar diferentes interpretações sobre processos históricos. • EM13CHS104 – Analisar o papel de diferentes atores sociais na produção de narrativas históricas.					
Objetivos					
Objetivo geral:		Compreender como narrativas históricas podem ser construídas por meio de estratégias audiovisuais que selecionam fontes, especialistas e interpretações específicas.			
Objetivos específicos:		• Identificar elementos narrativos utilizados em documentários históricos. • Refletir sobre a relação entre narrativa, política e memória. • Desenvolver pensamento crítico diante de conteúdos audiovisuais.			
Conteúdo					
• Crise política brasileira (2013–2016) • O processo de impeachment de 2016 e os debates historiográficos sobre sua interpretação (impeachment ou golpe) • Narrativas midiáticas e disputas de memória					
Metodologia					
Aula 1 – Construção da narrativa audiovisual					
A aula será dividida em duas etapas principais. A primeira reproduz o formato narrativo utilizado por documentários políticos contemporâneos, especialmente os produzidos pela Brasil Paralelo. A segunda etapa revela aos estudantes os mecanismos narrativos utilizados, promovendo uma reflexão crítica sobre o consumo de conteúdos históricos.					

1º momento – Introdução narrativa (10 minutos)

O professor inicia a aula como se estivesse apresentando um documentário. Luzes mais baixas, voz narrativa mais lenta e dramática.

Exemplo de narração: “No início de 2020, um vírus desconhecido começou a se espalhar pelo mundo. Em poucas semanas, fronteiras foram fechadas, economias pararam e bilhões de pessoas tiveram suas vidas transformadas. No Brasil, a pandemia não foi apenas uma crise sanitária, tornou-se também uma batalha política e ideológica.”

Em seguida, o professor apresenta três depoimentos curtos (podem ser textos ou vídeos):

- um especialista defendendo lockdown
- um economista criticando medidas restritivas
- um jornalista comentando a polarização política

Sem explicar que são selecionados estrategicamente.

2º momento – Construção da narrativa (15 minutos)

O professor continua no estilo de documentário:

- mostra gráficos (que podem ser questionáveis ou descontextualizados)
- apresenta manchetes de jornais (selecionadas para reforçar um ponto de vista)
- utiliza frases de efeito (com apelo emocional)

Exemplo: “Enquanto hospitais colapsavam, o debate público se tornava cada vez mais polarizado. Para alguns, as medidas eram necessárias para salvar vidas. Para outros, representavam uma ameaça à liberdade e à economia.” Aqui o professor intencionalmente organiza os dados de forma narrativa, como fazem documentários.

3º momento – Revelação do método (10 minutos)

O professor interrompe e faz uma pergunta: “Vocês perceberam que eu acabei de contar uma história?”

Depois explica:

- as fontes foram selecionadas
- os depoimentos foram recortados
- a ordem das informações cria uma interpretação

Nesse momento o professor apresenta o conceito de narrativa histórica, diferenciando-a de 'fato bruto' e explicando que toda narrativa envolve escolhas (seleção, ênfase, omissão, ordenação).

4º momento – Reflexão crítica e coletiva (10 minutos)

Perguntas para os alunos:

- Quem escolhe os especialistas que aparecem?
- O que acontece com as vozes que não aparecem?
- Como trilha sonora, imagens e edição podem influenciar nossa interpretação?

Como apoio à atividade, o professor pode distribuir um roteiro de análise impresso com perguntas orientadoras para os alunos preencherem durante a exibição do "documentário" e da discussão posterior. Exemplos de perguntas: "Que sentimentos a narração tenta despertar?", "Que vozes foram ouvidas e quais foram silenciadas?", "Que interpretação da pandemia está sendo construída?". Esse roteiro serve como registro individual do pensamento crítico e pode compor a avaliação.

O professor explica que todo documentário possui um ponto de vista, inclusive produções como as da Brasil Paralelo.

5º momento – Fechamento (5 minutos)

O professor conclui com uma reflexão: “Aprender História não é apenas conhecer fatos do passado. É também aprender a reconhecer como as narrativas são construídas e quais interesses podem influenciar essas interpretações.”

Aula 2 – Narrativas em disputa

1º momento – Retomada da aula anterior (10 minutos)

O professor inicia retomando a discussão realizada na aula anterior sobre a construção das narrativas históricas e os mecanismos utilizados em produções audiovisuais.

Para estimular a participação dos estudantes, o professor retoma algumas perguntas orientadoras:

- Toda narrativa histórica é neutra?
- Quem escolhe quais fatos entram ou não em uma narrativa?
- Quem produz as interpretações sobre o passado?

A partir das respostas dos alunos, o professor reforça a ideia de que a história é resultado de interpretações construídas a partir de fontes, métodos e debates historiográficos, e que diferentes atores sociais podem produzir narrativas sobre o passado.

Em seguida, explica que na aula de hoje os estudantes irão analisar como diferentes narrativas sobre um mesmo tema podem ser construídas por produtores de conteúdo audiovisual e por historiadores.

2º momento – Exibição de trecho audiovisual (15 minutos)

O professor apresenta um pequeno trecho de documentário produzido pela Brasil Paralelo que trate de temas políticos recentes, como a pandemia de Covid-19 ou a crise política brasileira.

Antes da exibição, os alunos recebem um roteiro de análise, que deverá ser preenchido durante a visualização do material.

O roteiro contém perguntas orientadoras como:

- Quem são os especialistas entrevistados no vídeo?
- Qual é a área de formação desses especialistas?
- Quais argumentos aparecem com mais destaque na narrativa?
- Existe algum posicionamento político explícito ou implícito?
- Existem vozes ou perspectivas que parecem estar ausentes?

Durante a exibição, o professor orienta os estudantes a observarem não apenas o conteúdo apresentado, mas também elementos narrativos como edição, trilha sonora, enquadramento das entrevistas e seleção das informações.

3º momento – Contraponto historiográfico (15 minutos)

Após a análise do trecho audiovisual, o professor apresenta brevemente interpretações produzidas por historiadores brasileiros sobre temas semelhantes.

Podem ser utilizados trechos curtos de textos ou sínteses de interpretações de autores como:

- Marcos Napolitano, que discute a relação entre memória, política e narrativas sobre a história recente do Brasil.
- Caroline Bauer, que analisa disputas de memória e usos políticos do passado.

O professor explica que, na historiografia, a produção de interpretações históricas envolve:

- análise crítica de diferentes tipos de fontes
- debate entre pesquisadores
- revisão constante das interpretações existentes
- preocupação metodológica com a construção do conhecimento histórico

Nesse momento, o professor destaca que a historiografia não elimina divergências interpretativas, mas busca fundamentá-las em procedimentos metodológicos e em diálogo com outros estudos.

4º momento – Debate coletivo (10 minutos)

A aula se encerra com um debate orientado pelo professor.

Algumas perguntas podem guiar a discussão:

- Por que interpretações diferentes sobre o passado surgem?
- Qual a diferença entre produção historiográfica e produção de conteúdo audiovisual com finalidade política ou ideológica?
- Como podemos analisar criticamente conteúdos históricos que circulam nas redes sociais ou em plataformas digitais (ex: filmes)?

O professor reforça que o pensamento histórico envolve questionamento, análise de fontes e comparação entre interpretações, habilidades fundamentais para a compreensão crítica do passado e do presente.

Aula 3 – Negacionismo e disputas de memória

1º momento – Introdução ao conceito de negacionismo (10 minutos)

O professor inicia a aula apresentando o conceito de negacionismo e revisionismo histórico.

Para isso, apresenta de forma breve as contribuições de pesquisadores que discutem o tema.

O professor explica que o negacionismo histórico não consiste apenas na negação direta de fatos comprovados, mas também pode ocorrer por meio de:

- distorção de acontecimentos históricos
- seleção parcial de fontes
- minimização de conflitos sociais e violências históricas
- construção de narrativas que buscam legitimar determinadas interpretações do passado.

Nesse momento, o professor destaca que disputas de memória fazem parte da dinâmica social, mas que o negacionismo busca enfraquecer ou deslegitimar conhecimentos historicamente consolidados.

2º momento – Atividade de análise em grupos (20 minutos)

Os estudantes são divididos em pequenos grupos.

Cada grupo recebe dois tipos de material:

- um trecho de produção audiovisual, reportagem ou conteúdo midiático que apresenta determinada interpretação histórica
- um pequeno trecho de análise produzida por historiadores ou pesquisadores da área.

Os estudantes devem comparar os materiais e responder a algumas questões orientadoras:

- Quais fatos históricos aparecem em cada material?
- Existem informações ou acontecimentos que foram omitidos?

- Como os diferentes autores interpretam os mesmos acontecimentos?
- Quais atores sociais recebem mais destaque em cada narrativa?

A atividade tem como objetivo estimular a comparação crítica entre diferentes formas de narrar o passado.

3º momento – Socialização das análises (15 minutos)

Após a atividade em grupo, cada grupo apresenta brevemente suas conclusões para a turma. Durante as apresentações, o professor sistematiza no quadro algumas observações feitas pelos estudantes.

4º momento – Fechamento da sequência didática (5 minutos)

Para concluir a sequência de aulas, o professor propõe uma reflexão final com os estudantes. Destaca que aprender História não significa apenas memorizar fatos ou datas, mas desenvolver ferramentas para compreender como o passado é interpretado, narrado e disputado no presente.

Assim, o estudo da História contribui para que os estudantes se tornem leitores críticos das narrativas históricas que circulam na sociedade.

Recursos Didáticos

- Projetor
- Trechos de documentários ou vídeos políticos
- Roteiro de análise impresso (com as perguntas orientadoras)
- Fontes históricas curtas

Avaliação

A avaliação será processual e composta por três instrumentos: a participação nas discussões em sala, o preenchimento de um roteiro de análise durante a aula e uma reflexão escrita individual (tarefa de casa) na qual o aluno deverá aplicar os conceitos discutidos a um exemplo concreto de seu cotidiano, como um meme, um vídeo no TikTok, analisando como as narrativas históricas são construídas nesses formatos.

Referências

- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- MINAS GERAIS. **Currículo Referência de Minas Gerais – Ensino Médio**.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo central analisar o papel desempenhado pela produtora Brasil Paralelo na construção de narrativas históricas no Brasil contemporâneo, problematizando seu caráter revisionista e as estratégias utilizadas para disputar memórias e identidades coletivas. Para tanto, articulou-se a investigação historiográfica com a análise dos atores sociais e econômicos envolvidos no financiamento da empresa, bem como das táticas de difusão de seus conteúdos nas plataformas digitais. Além disso, o trabalho propôs uma sequência didática voltada ao Ensino Médio, inspirada nos formatos narrativos da produtora, mas fundamentada no rigor historiográfico e na perspectiva crítica, como contribuição para o enfrentamento do negacionismo histórico em sala de aula.

Ao longo da pesquisa, foi possível constatar que a Brasil Paralelo se consolidou como um dos principais agentes privados na disputa por narrativas históricas no ambiente digital brasileiro, especialmente a partir de 2016. A produtora não apenas difunde uma visão revisionista da história nacional, como também articula uma rede de financiamento empresarial e conexões com think tanks ultraliberais que conferem sustentação e capilaridade ao seu projeto político-cultural. Como demonstrado, seus documentários mobilizam estratégias discursivas como a seleção parcial de entrevistados, a edição tendenciosa de imagens e a relativização da violência de Estado, configurando o que Napolitano (2021) classifica como "revisionismo ideológico", distinto do legítimo revisionismo historiográfico acadêmico.

A análise do financiamento e das estratégias de marketing digital revelou que a força da Brasil Paralelo não reside apenas em seu conteúdo, mas na articulação orgânica entre uma base ideológica (think tanks), um projeto político de classe (a naturalização de privilégios) e uma poderosa máquina de publicidade digital, financiada pelo empresariado nacional. Esse modelo de atuação insere-se em um fenômeno mais amplo de transformação do debate público na era digital, marcado pela circulação acelerada de informações fragmentadas e pela ascensão de narrativas antipolíticas e moralizantes (Queiroz, 2022).

No campo do ensino de História, os desafios tornaram-se ainda mais evidentes. A circulação de conteúdos desinformativos e de narrativas simplificadas ou distorcidas sobre o passado, que chegam à sala de aula por meio das redes sociais e aplicativos de streaming, exige que o trabalho pedagógico vá além da transmissão de conteúdo. É necessário incorporar estratégias que ajudem os estudantes a reconhecer como as narrativas históricas são construídas, quais interesses podem orientá-las e de que maneira elas circulam no espaço público. Nesse sentido, a sequência didática aqui proposta pretende contribuir para a formação de sujeitos capazes de analisar com autonomia e senso crítico os discursos históricos que consomem diariamente.

A pesquisa também evidenciou a importância de compreender o negacionismo histórico como um fenômeno estrutural e articulado, que não se resume a "opiniões divergentes", mas integra um projeto político mais amplo de desestabilização de consensos democráticos e de legitimação de desigualdades. Como alertam Valim, Avelar

e Bevernage (2021), o negacionismo tornou-se, no século XXI, uma forma de gestão da vida política, e seu enfrentamento exige não apenas o rigor epistemológico da historiografia, mas também ações pedagógicas e políticas consistentes.

Cabe ainda reconhecer os limites e as condições de produção desta pesquisa. Durante sua realização, foi possível, a partir da experiência profissional da autora em ambientes de atendimento a clientes de alta renda no sistema financeiro, observar indícios da adesão de determinados segmentos economicamente privilegiados ao projeto político-cultural da Brasil Paralelo, seja por meio de investimentos diretos, seja pela circulação de seus conteúdos em redes de sociabilidade restritas. Tais observações, embora não possam ser nominalmente referenciadas, em respeito ao sigilo profissional e à impossibilidade de verificação empírica no âmbito deste trabalho, serviram como importante ponto de partida para a formulação das hipóteses sobre as motivações de classe que sustentam o financiamento da produtora. Ainda assim, reafirma-se que todas as conclusões aqui apresentadas estão ancoradas exclusivamente em fontes públicas e bibliografia especializada, conforme o rigor metodológico que norteia a pesquisa acadêmica.

Para além dessas limitações, é importante destacar que a análise se concentrou em um recorte específico da produção da Brasil Paralelo e em um período delimitado de sua atuação. Estudos futuros podem ampliar o escopo para outras produções da empresa, investigar com maior profundidade as redes de financiamento e as conexões internacionais da produtora, bem como avaliar os impactos efetivos de sua recepção junto a diferentes públicos. No campo do ensino, a sequência didática aqui apresentada pode ser aplicada e avaliada em contextos escolares diversos, permitindo ajustes e aperfeiçoamentos a partir da prática concreta.

Em síntese, espera-se que este trabalho tenha contribuído para desnaturalizar as narrativas revisionistas difundidas pela Brasil Paralelo, ao mesmo tempo em que oferece instrumentos para que professores e estudantes possam lidar criticamente com os desafios impostos pela desinformação histórica na era digital. Que a história, longe de ser mero campo de disputas ideológicas, possa reafirmar seu compromisso com a verdade e com a formação de cidadãos conscientes de seu tempo.

REFERÊNCIAS

- ABRANCHES, Sérgio. **Presidencialismo de coalizão: raízes e evolução do modelo político brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- ANDRADE, Rafael Herculano de. **Negacionismo no YouTube: um "Brasil Paralelo" a serviço das novas direitas**. 2022. 224 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2022.
- AVRITZER, Leonardo. **O pêndulo da democracia no Brasil: uma análise da crise 2013-2018**. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 273-289, 2018.
- BAUER, Caroline Silveira. **Brasil e Argentina: ditaduras, desaparecimentos e políticas de memória**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2020.
- BORGES, Ianni Sousa. **O negacionismo em sala de aula: e agora professor(a)?**. 2022. 134 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022. <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2022.498>
- CAMPILONGO, Celso Fernandes. **O direito na sociedade complexa**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2015.
- CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. **A nova direita no Brasil: aparelhos de ação político-ideológica e atualização das estratégias de dominação burguesa (1980-2014)**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- CLETO, Murilo Prado. **Novas direitas, memória e revisionismo: como a Brasil Paralelo contou a história do Regime Militar**. Curitiba, 2024. 1 recurso on-line: PDF.
- COHEN, Stanley. **States of Denial: knowing about atrocities and suffering**. Cambridge: Polity Press, 2001.
- EMPOLI, Giuliano Da. **Os engenheiros do caos: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições**. São Paulo: Vestígio, 2019.
- FONSECA, Selva Guimarães. **O trabalho do professor na sala de aula: relações entre sujeitos, saberes e práticas**. R. Bras. Est. Pedag. [online]. 2010, vol.91, n.228, pp.390-407. ISSN 2176-6681.
- JÚNIOR, Carlos Zacarias Sena; BALESTRO, Mayara. **A Brasil Paralelo lança um novo produto contra a universidade pública brasileira**. *Le Monde Diplomatique Brasil*, São Paulo, 29 nov. 2024. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/a-brasil-paralelo-lanca-um-novo-produto-contr-a-universidade-publica-brasileira/>. Acesso em: 10 mar. 2026.
- MARTINS, D. da S. . (2024). **O revisionismo histórico da Brasil Paralelo: alguns apontamentos e possibilidades de enfrentamento**. *Revista Angelus Novus*, 15(20), 220575. <https://doi.org/10.11606/issn.2179-5487.20.2024.220575>
- MELLO, Patrícia Campos. **A máquina do ódio: notas de uma repórter sobre fake news e violência digital**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

NAPOLITANO, Marcos. **Negacionismo e revisionismo histórico no século XXI**. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). **Novos combates pela história: desafios – ensino**. São Paulo: Contexto, 2021. p. 85-111.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (orgs.). **Novos combates pela história: desafios – ensino**. São Paulo: Contexto, 2021.

QUEIROZ, Christina. **Terra sem lei**. Revista Pesquisa FAPESP, São Paulo, n. 316, jun. 2022. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/terra-sem-lei/>. Acesso em: 10 mar. 2026.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio: crônicas de um Brasil pós-político**. Goiânia: Editora Caminhos, 2021.

ROUSSO, Henry. **Le syndrome de Vichy (1944-1987)**. Paris: Seuil, 1987.

SANTOS, Mayara Aparecida Machado Balestro dos. **Agenda conservadora, ultraliberalismo e guerra cultural: Brasil Paralelo e a hegemonia das direitas no Brasil contemporâneo (2016-2020)**. 2021. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2021.

SCHLESENER, Anita Helena. **Hegemonia e cultura: Gramsci**. 3. ed. Curitiba: Editora UFPR, 2007.

SILVA, Júlio Antunes da; COLACIOS, Roger Domenech. **1964 – O Brasil entre armas e livros: negacionismos e revisionismo da história**. Revista de Historia Social y de las Mentalidades, Santiago, v. 27, n. 1, p. 122-159, 2023. DOI: <https://doi.org/10.35588/rhsm.v27i1.5349>.

SPAGNUOLO, Sérgio. **Brasil Paralelo lidera anúncios políticos no Google**. Núcleo Jornalismo, São Paulo, 23 jun. 2022. Disponível em: <https://nucleo.jor.br/curtas/2022-06-23-google-anuncios-brasil-paralelo/>. Acesso em: 10 mar. 2026.

THE INTERCEPT BRASIL. **Brasil Paralelo: o que é, o que faz e quem financia a produtora de extrema direita**. The Intercept Brasil, 2024. Disponível em: <https://theintercept.com/brasil>. Acesso em: 10 mar. 2026.

TRAVERSO, Enzo. **O passado, modos de usar: história, memória e política**. Lisboa: Unipop, 2012.

VALIM, Patrícia; AVELAR, Alexandre; BEVERNAGE, Berber (orgs.). **Negacionismo: história, historiografia e perspectivas de pesquisa**. São Paulo: Letra e Voz, 2021.

VIDAL-NAQUET, Pierre. **Os assassinos da memória**. Campinas: Papyrus, 1988.